

DA METRÓPOLE ÀS COLÔNIAS: PARALELOS ENTRE A TRAJETÓRIA E A OBRA DE JEAN BRUNHES

Vitor Julio Gomes Barreto

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, São Paulo, SP, Brasil
vitor.barreto@usp.br

Felipe Pacheco Silva

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia Seropédica, RJ, Brasil
felipe.pacheco@ufrj.br

RESUMO

Jean Brunhes (1869-1930), geógrafo francês, considerado um dos fundadores da geografia humana, além de importantes contribuições à geografia, deixou inúmeros textos sobre diversos territórios espalhados pelo globo, muitos deles fruto de suas viagens. Objetiva-se com este artigo analisar a relação da trajetória acadêmica de Jean Brunhes com seu itinerário de viagens, a fim de avaliar o quanto essas influenciaram sua teoria geográfica. Para tal realizamos um mapeamento das viagens realizadas por Brunhes e um levantamento dos locais estudados por ele ao longo de sua carreira. Por meio de levantamento bibliográfico de artigos publicados por Brunhes nos arquivos da *Bibliothèque Nationale de France* e no portal *Persée*, foi possível identificar três principais momentos em sua trajetória, em um movimento entre a metrópole e as colônias. O primeiro, de 1894 a 1902, focado em países do norte da África e Mediterrâneo. O segundo, de 1902 até 1923, sobressaíram trabalhos sobre a Suíça e a França. O terceiro, a partir de 1923, reflete seu interesse pelo Extremo Oriente. Conclui-se que, ao longo de sua trajetória, Brunhes demonstrou ambição em construir uma geografia global, transcendendo o regional, produzida a partir de um ponto de vista metropolitano, com enfoque em territórios vinculados aos interesses franceses.

Palavras-chave: Geografia francesa. História da geografia. Colonialismo.

FROM THE METROPOLIS TO THE COLONIES: PARALLELS BETWEEN BRUNHES' WORKS AND HIS TRAJECTORY

ABSTRACT

Jean Brunhes (1869-1930) was a French geographer considered one of the founders of Human Geography. Aside from his important contributions to geography, he wrote a lot of texts about various territories spread across the globe, many of which resulted from his travels. Our goal in this article was to analyze the relationship between Brunhes' academic career and his journey around the world and evaluate how it influenced his geography theory. To do so, we mapped Brunhes' travels, and the sites he studied throughout his career. Through a bibliographic survey of articles published by Brunhes and his contemporaries in the archives of *Bibliothèque Nationale de France* and on the *Persée* portal, we identified three main moments in his career, in a movement between the metropolis and the colonies. In the first phase, the publications from 1894 to 1902 focused on countries in North Africa and the Mediterranean. The second, from 1902 to 1923, his accounts about Switzerland and France stand out. Finally, the third phase from 1923 until his death, reflected his interest in the Far East. Throughout his career, Brunhes showed ambition to build a global geography that transcended the region, produced from a metropolitan point of view, focusing on territories linked to French interests.

Keywords: French Geography. History of Geography. Colonialism.

INTRODUÇÃO

O quanto o espaço geográfico pode influenciar a trajetória acadêmica de um cientista? É possível estabelecer relações entre os locais frequentados e sua produção científica? E quando se trata de um geógrafo, tais premissas seriam ainda mais verdadeiras? É sabido que a ciência moderna, a despeito de suas pretensões de neutralidade e objetividade, não paira no ar, afastada das influências mundanas

que a cercam. Trata-se, pelo contrário, de um produto muito bem situado em termos sociais, políticos e espaciais. Formulada no seio da burguesia europeia, marcada por seus aspectos de classe, gênero, cor e nacionalidade, a geografia, por sua vez, não irá se furtar desse contexto, sendo produto e produtora deste mesmo mundo. No final do século XIX irá emergir uma nova elaboração teórica dentro do contexto científico europeu, sobretudo francês: a geografia humana. Podemos considerá-la tal qual como coloca Buttimer e Martínez (1980), enquanto uma entidade única de um desenvolvimento histórico específico, sendo seus temas de sua época, extremamente ligada, portanto, ao seu contexto, e fora dele seria difícil imaginar algo parecido. Isto é a geografia humana que surge na França do século XIX é inequivocamente fruto das inúmeras transformações sociais vivenciadas naquele local específico da superfície terrestre.

O final do século XIX foi marcado por transformações técnicas, políticas e sociais, com emergente ordem social que contestaram os valores conservadores. A ciência refletiu essa mudança buscando respostas para as questões da época, resultando em uma diversidade de correntes metodológicas (Berdoulay, 2017). Na França, após a Guerra Franco-Prussiana, a ascensão da Terceira República impulsionou a busca por uma nova ordem social, com uma filosofia socioeconômica renovada e um foco na história como guia (Claval, 1998). Questões relacionadas à compreensão sobre o surgimento da República e do próprio povo francês guiarão as reflexões científicas e ideológicas. O liberalismo político e econômico mostrou-se inadequado para compreender a sociedade, levando a uma urgência em abordagens alternativas (Hobsbawn, 1998).

A geografia, confrontada com questões materiais, políticas e sociais que exigiam o conhecimento aprofundado e a delimitação de fronteiras do território nacional e das colônias, fundamentais para a construção dos estados nações e de seus impérios, justificou e fortaleceu o nacionalismo. Fragmentada e enfrentando dificuldades de organização, testemunhou a ascensão do positivismo, resultando em uma fragmentação ainda maior do conhecimento (Moreira, 2009). Surgem e são denominadas de geografia física (incluindo suas diversas subdivisões), geografia histórica, geografia econômica (ou comercial), geografia social, geografia política e a geografia colonial. Tais geografias não estarão subordinadas ou serão rascunhos da geografia humana, elas existem enquanto formas paralelas de se fazer geografia no final do século XIX, e continuarão existindo após a geografia humana ganhar corpo (Pereira, 2012). O conhecimento geográfico produzido no final do século XIX era plural e diverso, tanto em suas temáticas e objetivos quanto em seus meios de divulgação e organização.

A geografia humana procurou reunir essa diversidade, construindo um objeto sólido e estabelecendo uma ciência coesa (Buttimer e Martínez, 1980). A emergência da geografia humana foi influenciada por correntes científicas como o evolucionismo e o antipositivismo, impactando suas teorias sobre a relação entre o homem e a natureza. A virada do século XIX para o XX testemunhou uma reação antipositivista que se refletiu na institucionalização da geografia, impulsionando a busca por novas perspectivas para a disciplina. A relação homem-natureza na geografia francesa, até então, era abordada de duas formas opostas e totalmente excludentes, de um lado estavam aqueles interessados na pesquisa das influências da natureza sobre o homem, colocando o homem em uma condição passiva, do outro lado aqueles que visualizavam o ambiente sobre uma perspectiva passiva, em que o estudo dos impactos do homem no meio que eram suas preocupações. A solução vidaliana para este problema é influenciada por uma abordagem neokantiana, destacando a liberdade humana na transformação do meio (Berdoulay, 2017) em que o homem é dado como um agente geográfico que faz uma escolha entre diversas possibilidades oferecidas pela natureza, criando novas formas de organização geográfica.

Jean Brunhes, nascido em Toulouse na Occitânia, sudeste francês, no ano de 1869, é considerado um dos fundadores desta geografia humana. Sua trajetória institucional envolveu passagem pelas universidades suíças de Fribourg (1896) e Lausanne (1907) até encerrar na sua carreira no renomado *Collège de France* (1912), em Paris. Por todos esses anos até praticamente seu falecimento, ocorrido em 1930, Brunhes viajou por diversos países, realizando estudos e publicando trabalhos sobre tais locais.

Sua concepção de geografia estava fundamentada na ideia da conquista, gradual e limitada, da natureza pelo homem, refletida nas relações estabelecidas entre os diferentes povos. Ao estabelecer uma distinção entre povos civilizados e povos selvagens, com base na sua capacidade de transformação da natureza, Brunhes defende a expansão colonial enquanto forma de levar desenvolvimento tecnológico, econômico e social aos territórios colonizados. Em sua obra, ele demonstra otimismo em relação à colonização, vendo os europeus como responsáveis por abrir caminhos para os povos conquistados. Sua geografia humana se institucionalizará em um período em

que as disputas coloniais atingirão o seu auge e estarão na ordem do dia. Os geógrafos cumprirão papel importante neste jogo, ao produzir conhecimento sobre as áreas em disputas, por isso para além da justificativa no campo ideológico, eles irão se envolver diretamente com questões geopolíticas. Brunhes realizou uma leitura da situação europeia e da influência francesa no mundo constituindo um importante registro de sua época, num contexto de redefinição do papel das principais potências no cenário global. Nosso objetivo neste artigo, decorrente de aprofundamentos de uma dissertação de mestrado, é analisar a relação da trajetória acadêmica de Brunhes e suas viagens, para refletir sobre o quanto essas influenciaram sua teoria geográfica. Para tal, realizamos um duplo levantamento-, por um lado um mapeamento das viagens que Brunhes realizou, e por outro os locais estudados por ele ao longo de sua trajetória acadêmica, para, a partir de então, estabelecer a relação entre ambos. Realizamos um extenso levantamento bibliográfico de artigos, documentos e cartas publicadas e/ou escritas pelo próprio Brunhes, mas também daqueles geógrafos que o citaram ou se comunicaram com ele, a partir dos arquivos da *Bibliothèque Nationale de France* e no portal *Persée*, ambos disponíveis online. Nosso foco principal está em identificar as áreas percorridas por Brunhes e os locais estudados em seus artigos, e para tal realizamos nosso levantamento excluindo aqueles textos teóricos produzidos pelo autor ao longo de sua carreira, que não consistiram estudos sobre locais específicos.

DA METRÓPOLE ÀS COLÔNIAS

Jean Brunhes, segundo De Martonne (1930), tinha um especial gosto por viagens e desde o momento da construção de sua tese, essas já influenciavam seus escritos. O geógrafo viveu a maior parte de sua vida na França, mudando-se para a Suíça no ano de 1896 até retornar ao seu país natal em 1912. Tais países servirão como bases para suas viagens ao longo de sua carreira, que irão se concentrar em determinadas áreas do globo. A partir da análise de suas publicações e de relatos de seus contemporâneos, é possível reconstruir os deslocamentos de Brunhes ao longo de sua vida, bem como identificar as suas publicações em três momentos (Tabela 1 e Figura 1).

Tabela 1 - Os momentos da carreira de Jean Brunhes por região de interesse

MOMENTOS	LOCAIS VISITADOS	PUBLICAÇÕES
1º Momento (1894-1902)	Espanha, Egito, Argélia, Rússia e Estados Unidos	Estados Unidos (1894a), Tunísia (1894b), Egito (1897, 1899, 1900a, 1901, 1902b), Rússia (1900b) e Argélia (1902a).
2º Momento (1902-1923)	Alemanha, Cáucaso e Canadá	Suíça (1904b, 1906, 1909) Estados Unidos (1904a), Egito (1905), França (1906, 1918), Espanha (1907, 1908, 1911) e Canadá (1922).
3º Momento (1923-1930)	Indochina, Japão, Itália, Balcãs e Síria	Etiópia (1923a), Indochina (1923b, 1923d, 1924), China (1923c), Japão (1923e, 1923f) e Argélia (1930)

Organização: Os autores, 2023.

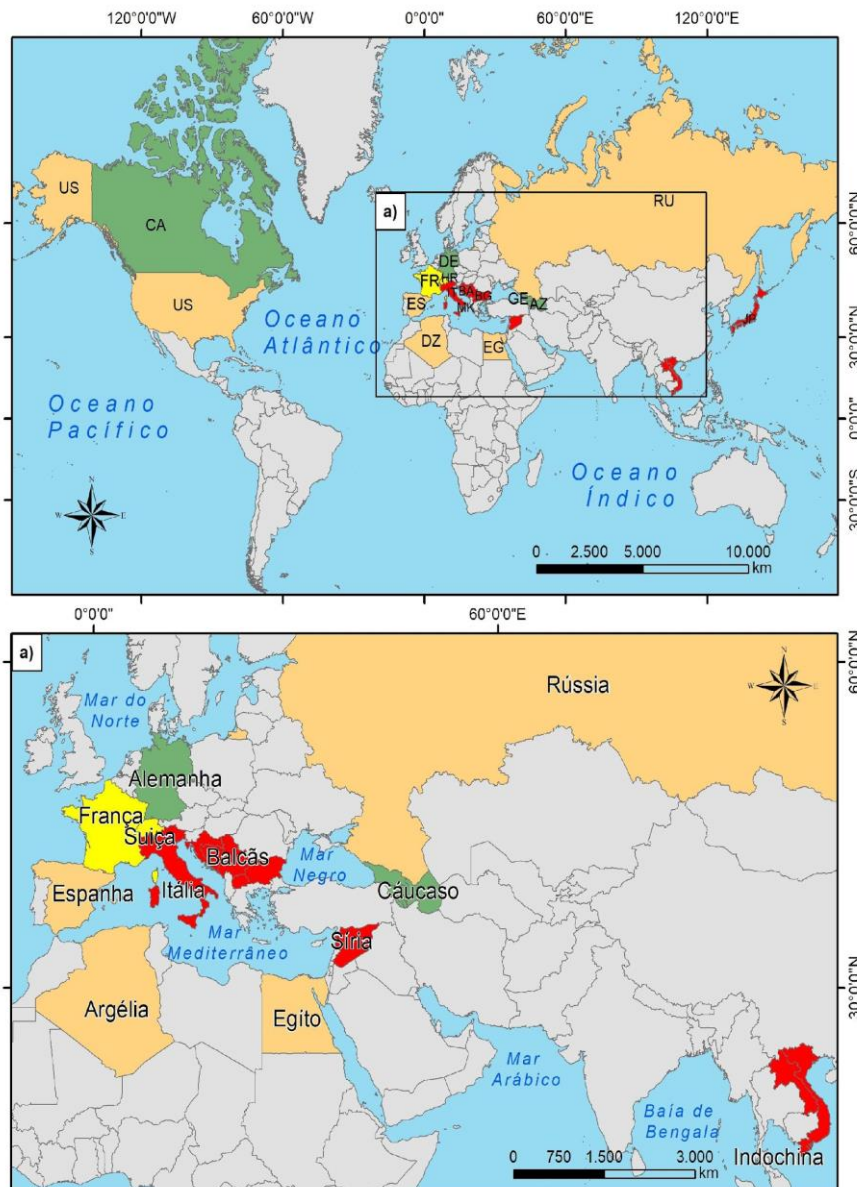
O primeiro, entre 1894 e 1902, antecede a conclusão de sua tese de doutorado e se caracteriza por um interesse inicial em países do norte da África e do Mediterrâneo, com algumas publicações dedicadas aos Estados Unidos e à Rússia. A mudança para Fribourg e a finalização da tese, entre 1902 e 1923, marcam um segundo período, no qual a produção de Brunhes se volta com maior intensidade para a Suíça e a França. A partir de 1923, o interesse de Brunhes se volta para o Extremo Oriente¹, constituindo o foco principal de suas pesquisas e marcando um terceiro período de sua obra. Essa progressão temporal demonstra uma gradual especialização do autor, passando de uma perspectiva

¹ Importante destacar que o termo Extremo Oriente parte de uma visão eurocêntrica de mundo, a qual se encontrava mergulhado Jean Brunhes. Em uma discussão mais aprofundada sobre o termo Oriente ver Said (2008).

inicial mais abrangente para um foco cada vez mais específico, refletindo a maturação de suas ideias e a influência de seus contextos e experiências.

De forma geral, nota-se seu especial interesse por visitar países de colonização francesa ou de interesse francês, como a Argélia, Egito, Síria e Indochina². A Figura 1 apresenta os países onde foram registradas as viagens do geógrafo Jean Brunhes.

Figura 1 - Viagens de Jean Brunhes



Legenda:

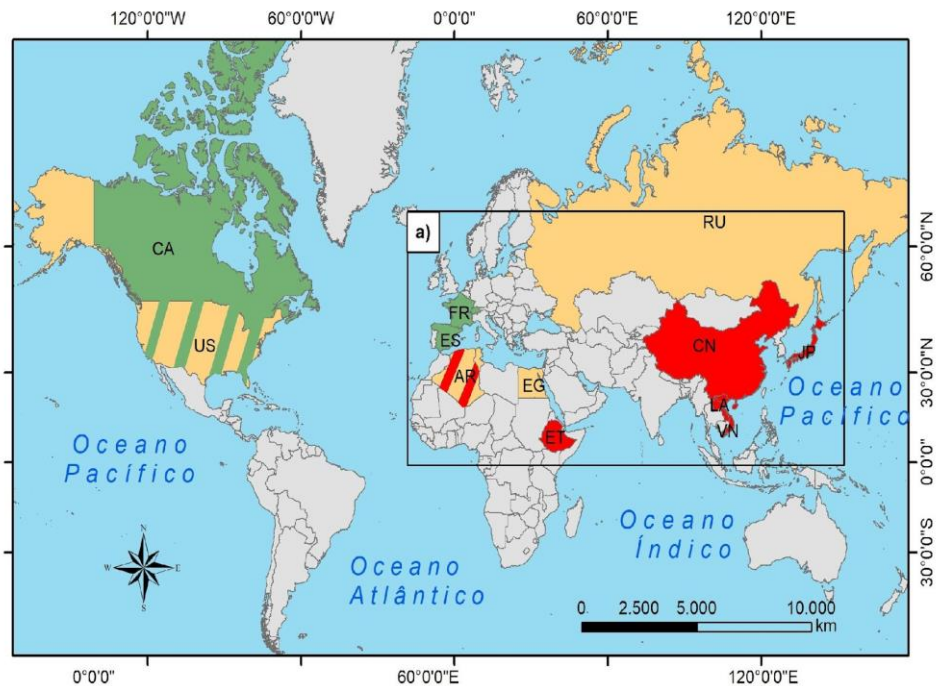
- Países de residência: França e Suíça
- 1º Momento (1894-1902): Espanha, Egito, Argélia, Rússia e Estados Unidos
- 2º Momento (1902-1923): Alemanha, Cáucaso e Canadá
- 3º Momento (1923-1930): Indochina, Japão, Itália, Balcãs e Síria

Elaboração: os autores, 2023.

² O termo Indochina refere-se a um conjunto de territórios progressivamente reunidos sob a tutela francesa ao longo do século XIX, que atualmente conhecemos como sudeste Asiático, eram elas: Tonkin, Annam, Cochinchina, Cambodja e Laos. Tendo sido criado e amplamente utilizado pelo colonialismo francês. Para um exame da Indochina enquanto um constructo fictício e mítico ver Phantasmatic Indochina (Norindr, 1996).

A análise da produção de Jean Brunhes, representada na Figura 2, evidencia uma correlação entre os locais visitados e a temática de suas pesquisas. Nota-se uma concentração significativa de trabalhos sobre países influenciados pela França, comprovando a forte ligação entre a produção do geógrafo e a realidade política e cultural de seu tempo. Apesar dessa concentração, a figura também destaca a presença de trabalhos sobre outras regiões, como a Etiópia, China e Japão, revelando interesse do autor em analisar contextos geográficos diversos em seus estudos.

Figura 2 - Áreas de interesse geográfico presente nas publicações de Jean Brunhes



Coordinate System: WGS 1984 World Mercator
Projection: Mercator
Datum: WGS 1984
False Easting: 0,0000
False Northing: 0,0000
Central Meridian: 0,0000
Standard Parallel 1: 0,0000
Units: Meter

Legenda:

- 1º Momento (1894-1902): Tunísia (1894), Estados Unidos (1894), Egito (1897, 1899, 1900, 1901, 1902), Rússia (1900) e Argélia (1902).
- 2º Momento (1902-1923): Suíça (1904, 1906, 1909) Estados Unidos (1904), Egito (1905), França (1906, 1918), Espanha (1907, 1908, 1911) e Canadá (1922).
- 3º Momento (1923-1930): Japão (1923a, 1923b), China (1923), Indochina (1923a, 1923b, 1924), Etiópia (1923) e Argélia (1930)

Elaboração: os autores, 2023.

Este artigo traça a trajetória intelectual de Jean Brunhes, relacionando-a à sua experiência geográfica, dividindo-a em três períodos distintos, conforme os momentos identificados em sua produção acadêmica.

PRIMEIRO MOMENTO: O MEDITERRÂNEO E A TESE (1894-1902)

O período inicial da carreira de Brunhes, marcado pela elaboração de sua tese, evidencia uma divergência em relação à corrente geográfica dominante na França finissecular. Suas viagens ao norte da África e à Península Ibérica, fundamentais para a construção de sua tese, resultaram em proposta inovadora, desafiante para os cânones da geografia institucional da época.

Entre os anos de 1894 e 1902, Brunhes irá escrever trabalhos sobre a Tunísia (1894b); Egito (1897,1900a,1901,1902b); norte da África (1902b); Argélia (1902b) e Península Ibérica (1907, 1908), acompanhando justamente o processo de sua tese. Além desses países aparecem nesse período os Estados Unidos (1894a) e a Rússia (1900b) locais onde Jean Brunhes viajou.

Jean Brunhes entrou na *École Normale Supérieure* de Paris em 1889. Próximo ao término de seus estudos, em 1893, ingressou na primeira turma de residentes da Fundação Thiers, um centro de pesquisa humanista criada em 1893 por mademoiselle Dosne, patrocinada pelo *Institut de France*. Através dela ele pode realizar sua primeira viagem à Espanha, em 1894, para estudar a hidrografia da Andaluzia, onde permaneceu por seis meses e percorreu praticamente todo o sul espanhol (Reparaz, 1931). Foi durante estes meses, no árido território espanhol, que surgiu a ideia de sua tese.

O caminho até o término de sua tese, contudo, foi longo e demorou mais oito anos para Brunhes considerá-la satisfatoriamente apresentável. No ano de 1896, mudou-se para Fribourg, na Suíça, onde por recomendação de Albert De Laparrent³ assumiu a recém-criada cadeira de geografia física na pequena Université de Fribourg. O que o fez estabelecer uma ligação familiar com as ciências naturais neste primeiro momento de sua carreira influenciado por seus mestres geólogos: Marcel Bertrand, Albert de Lapparent e Albert Gaudry. Estabeleceu rapidamente um laboratório ali, incentivando seus alunos a trabalhar com “amostragem topográfica”, permanecendo assim, por 14 anos naquela universidade. Neste período destacou-se o número de artigos publicados sobre geografia física⁴, sobretudo sobre águas⁵, ao escrever trabalhos que compararam o Nilo e os Alpes Suíços⁶, e traçou paralelos entre a erosão glacial com a fluvial⁷.

A partir de Fribourg, paralelamente a seu trabalho no laboratório, escreveu sua tese a partir de viagens realizadas para a Sicília, sul da Argélia e o Egito entre os anos de 1899 e 1900 (De Martonne, 1930). Durante suas viagens ao norte da África, Brunhes estava a serviço do Ministério da Instrução Pública da França, produzindo diversos relatórios que atestaram sua atuação nesse período. (Brunhes, 1902b). Retornou, ainda, à Espanha em 1900 para rever e examinar alguns “oásis de irrigação” que ofereceram maior singularidade, para enfim terminar sua tese em 1902.

Neste primeiro momento de sua carreira, tanto suas viagens, quanto seus trabalhos estavam vinculados de alguma forma ao entorno do Mar Mediterrâneo, e mesmo anos depois este mar ainda será uma das áreas mais estudadas de sua carreira, como podemos observar na Figura 3.

³ Albert de Laparrent (1839-1908) foi um geólogo francês, professor no Instituto Católico de Paris das disciplinas de geologia e mineralogia, e presidente da *Société Géologique de France*.

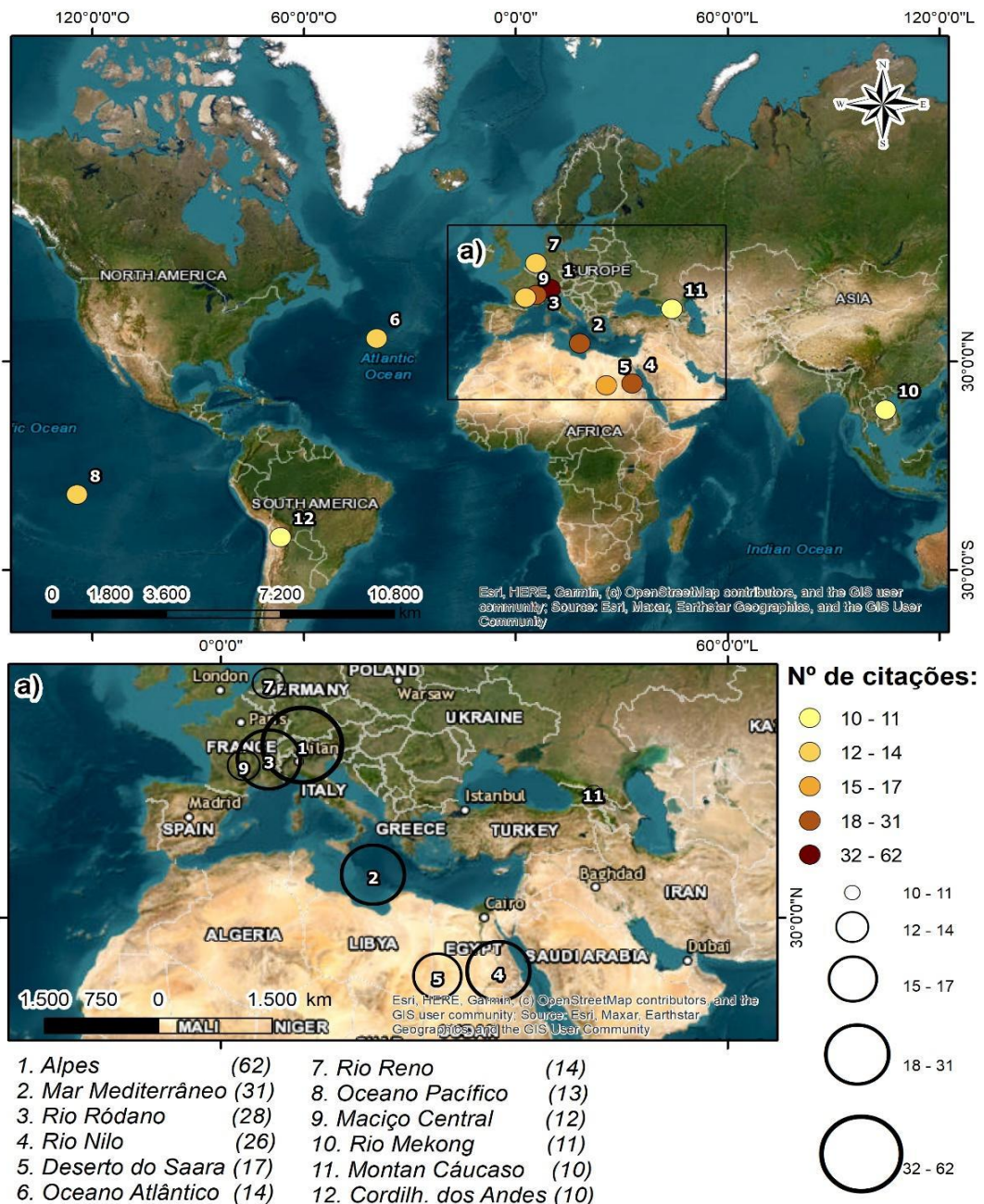
⁴ Brunhes, Jean. La série des phénomènes éruptifs de la Russie méridionale. **Le Globe. Revue genevoise de géographie**, tome 37, 1898.

⁵ Brunhes, Bernard. Brunhes, Jean. Les Analogies des tourbillons atmosphériques et des tourbillons des cours d'eau et la question de la déviation des rivières vers la droite, **Annales de géographie**, tome XIII, 1904.

⁶ Brunhes, Jean. Le travail des eaux courantes: La tactique des tourbillons. I. Îlots granitiques de la première cataracte du Nil. II. Gorges du versant Nord des Alpes suisses. **Mém. Soc. Fribourg**, 1902.

⁷ Brunhes, Jean. Sur les contradictions de l'érosion glaciaire. **C.R. Acad. Des Sciences**, 1906. E Brunhes, Jean. Sur les relations entre l'érosion glaciaire et l'érosion fluviale. **C. R. Acad. Des Sciences**, 1907.

Figura 3 - Pontos naturais mais citados na obra geografia humana⁸ de Jean Brunhes



Fonte: os autores, 2023.

O Mediterrâneo, como aponta Robic (1988), serviu como um campo de estudo crucial para os primeiros trabalhos de Jean Brunhes. Em suas pesquisas, o geógrafo francês destacava o papel do mar como fator limitante da influência do Saara, amenizando a transição entre a Europa irrigada e a África desértica. Segundo Brunhes (1902b), a intensa evaporação no Mediterrâneo era compensada pela presença da vasta massa de água, atuando como um elemento de equilíbrio na dinâmica ambiental da região. O mar, por conseguinte, deveria ser pensado como uma região descontínua, sendo a separação continental entre Europa e África puramente “nominal” imposta por uma tradição histórica, realizada apenas por razões naturais (Deprest, 2017). A semelhança climática árida, presente em ambos os

⁸ Levantamento realizado a partir da contagem no índice onomástico da terceira edição de geografia humana publicada em 1925, foi considerado como pontos naturais todos os nomes próprios referentes à natureza, como rios, montanhas, lagos, mares e desertos.

lados do Mediterrâneo, como observado por Brunhes (1902b), cria a sensação de continuidade, tornando regiões como a Andaluzia e o Maghreb comparáveis. Essa "continuidade mediterrânica" foi utilizada por Brunhes em sua tese para justificar a comparação entre as áreas escolhidas para sua pesquisa. A tese de doutorado de Brunhes, intitulada "*L'Irrigation, ses conditions géographiques, ses modes et son organisation dans la Péninsule ibérique et dans l'Afrique du Nord*" (A Irrigação, suas condições geográficas, seus modos e sua organização na Península Ibérica e na África do Norte), apresentada em 1902, é considerada uma de suas obras mais importantes. Nela, Brunhes aprofunda o estudo das características das irrigações mediterrânicas, focalizando áreas onde a água era escassa, ressaltando a importância de cada gota para a vida humana (Brunhes, 1902). Partindo de uma análise comparativa da Península Ibérica com os países berberes, concentrará nos problemas envolvendo o uso da água e nas diferentes soluções criadas por cada sociedade. Brunhes tornou-se grande estudioso das irrigações nos ricos oásis periféricos.

Contudo, o fato de ter escolhido realizar uma monografia comparativa entre duas regiões distintas, a contragosto do seu mestre Paul Vidal de la Blache, acarretou-lhe consequências dentro do sistema universitário francês. Apesar de Brunhes ser considerado um "vidaliano" de segunda geração – referência àqueles que fizeram suas teses sob orientação de Vidal –, estes frequentemente qualificavam-se fazendo monografias regionais⁹, o que não foi o caso de Brunhes. Foram estes os vidalianos que ficaram mais conhecidos, tal geração ocupou a maioria das cadeiras de geografia recém-inauguradas nas universidades regionais ou substituíram aqueles especialistas em geografia histórica. Serão eles Vallaux, Demangeon, De Martonne, Vacher, Blanchard, Sion e Sorre. Já Brunhes, contudo, ao não seguir este modelo de teses regionais se diferenciou sobremaneira dos outros¹⁰.

A relação entre Paul Vidal de la Blache e Jean Brunhes será marcada por momentos de aproximação e diálogo, mas ao mesmo tempo aparecerão divergências crescentes. Tais divergências aparecerão principalmente no momento de construção da tese de Jean Brunhes. Vidal chega a sugerir para Brunhes fazer sua tese sobre o naturalista Buffon abordando-o como geógrafo, afinal o mestre considerava este um "precursor da geografia humana" (Berdoulay, 2017). Brunhes prefere realizar um estudo geográfico empírico, que não seguirá o caminho das monografias regionais, mas o da comparação de diferentes regiões. Convidado por Vidal de la Blache, Jean Brunhes recusa tentar uma vaga para a cadeira de geografia na Universidade de Lyon, justamente porque Vidal o sugeriu apresentar uma tese monográfica sobre a Andaluzia, que já estava sendo estudada por Brunhes, mas que não considerava completa. Brunhes desejava ampliar suas análises sobre irrigações para outras regiões áridas, buscando uma perspectiva mais abrangente. Sua dissertação, conseqüentemente, se diferenciou das demais da época por ser baseada em estudos de áreas descontínuas (Robic, 1988), demonstrando uma ruptura com a tradição de pesquisas geográficas centradas em áreas específicas.

Vidal de la Blache não participará da defesa de Jean Brunhes (Deprest, 2017), e escreverá uma revisão crítica publicada nos *Annales* (1902) sobre sua tese. Ele criticará os lugares comparados por Brunhes, afirmando ser possível comparar as soluções hídricas das *huertas* espanholas com a região do *Tell* na Argélia, mas inadequado estendê-las aos oásis do sul da Argélia, onde as condições eram muito diferentes. A ampliação da noção de "oásis" para todo o Egito por Brunhes também gerou críticas. Vidal de la Blache argumentava que o vale do Nilo se assemelhava mais ao vale do Indo, sugerindo que soluções hídricas para aquela região poderiam ser extraídas de estudos sobre o último. Apesar das divergências, Vidal de la Blache encomendou a Brunhes a redação de um volume sobre os países

⁹ Antes do modelo de tese tradicional se consagrar – monografias regionais francesas - outras teses foram apresentadas, algumas trazendo análises sobre espaços coloniais como Schirmer sobre o Saara (1893); Bernard sobre a Nova Caledônia (1895) e Gautier sobre Madagascar (1902) (Robic, 1988). Depois fortalece o modelo de teses sobre as regiões francesas: Demangeon: *La Picardie* (1905), Blanchard: *La Flandre* (1906), Vallaux: *La Basse-Bretagne* (1907), Vacher: *Le Berry* (1908), Sion: *Normandie Orientale* (1908), Sorre: *Les Pyrénées méditerranéennes* (1913).

¹⁰ Devemos tomar cuidado para não tornar este fato uma oposição entre um Vidal de la Blache regionalista e um Jean Brunhes comparatista. Mesmo que Vidal de la Blache e seus seguidores tenham se dedicado demasiado a elaboração de monografias regionais, esta escala "estava longe de ser a única explorada por estes geógrafos" (Ribeiro, 2014a). O conjunto de suas obras apontam para estudos sobretudo ligados à geopolítica, às redes de circulação e à economia trabalhadas a partir de uma escala global, não estando, portanto, restritos à escala regional. Nas palavras do próprio Brunhes (1962, pág. 392): "É erradamente, portanto, que me consideram um adversário da Geografia Regional ou Laenderkunde. Porém, a Geografia Regional, compreendida de maneira mais vasta e mais geral, deve ser o coroamento sintético e não o começo analítico de pesquisa geográfica." Acreditamos, desse modo, que pelo menos no momento de elaboração de sua tese, Jean Brunhes e Vidal de la Blache, irão divergir segundo a escala a ser abordada.

mediterrâneos para sua "*Géographie Universelle*". No entanto, Brunhes recusou o convite, levando Vidal a designar Max Sorre para a tarefa (Reparaz, 1931).

As divergências epistemológicas entre Brunhes e Vidal de la Blache se intensificam a partir desse momento, ao revelar contraste crescente em suas perspectivas geográficas. O primeiro defendia um programa global de geografia humana que fosse ligado com as ciências sociais, e não uma subseção social dentro da geografia, como queria o último. Tal determinação levará Brunhes a correr riscos dentro do sistema de geografia *vidaliana* que estava se tornando hegemônico, o que o levou a ser considerado por alguns como um heterodoxo dentro de tal "paradigma". Outro caminho que levou a alguns historiadores da geografia a considerar Jean Brunhes "heterodoxo" foi a análise de suas relações com o colonialismo. No período que antecede à publicação de sua tese, Brunhes publicou inúmeros trabalhos sobre regiões de interesse francês: Tunísia (1894b), Egito (1897, 1899, 1900a, 1901) e Argélia (1902a).

Após a defesa de sua dissertação, Brunhes inicia a colaboração com o "*International Colonial Institute*", fundado em 1894. Essa organização, que reunia cientistas liberais de diversos impérios, tinha como objetivo promover a discussão comparativa de políticas coloniais, com foco particular na legislação colonial. (Bertrand, 2005; Singaravelou, 2012 *apud* Deprest, 2017). A administração colonial na Argélia recebeu com entusiasmo sua tese sobre a irrigação e a utilizou como propaganda para justificar as políticas implementadas em relação às populações autóctones.

Neste primeiro momento por nós destacado, as questões coloniais, sobretudo relacionadas ao Mediterrâneo, foram extremamente relevantes para os estudos de Brunhes, contribuindo para a formação de sua identidade enquanto geógrafo. Após a defesa de sua dissertação, os estudos sobre espaços coloniais foram significativamente reduzidos, emergindo prioritariamente questões teóricas mais abrangentes. Quando os estudos se relacionavam a um território específico, estavam majoritariamente limitados ao continente de origem: a Europa.

SEGUNDO MOMENTO: A EUROPA E A GEOGRAFIA HUMANA (1902-1923)

O segundo período destacado inicia-se com o término sua tese (1902b), seu estabelecimento definitivo na Universidade de Fribourg, e seu amadurecimento teórico que culminará na publicação de geografia humana em 1910. Em relação aos territórios trabalhados, irão sobressair artigos sobre a Suíça (1904b, 1906, 1909) e sobre a França (1906, 1918, 1921), refletindo sua preferência por estudos relacionados ao local onde estava inserido naquele momento, deixando de lado, momentaneamente, aqueles dedicados às áreas de interesse externo francês.

Suas viagens continuam nos anos seguintes, nos quais visitará a Rússia, em seguida, o Cáucaso, e mais uma vez o Egito, especificamente a cidade de Assuan, quando ainda estava em Fribourg (De Martonne, 1930). Para a vizinha Alemanha irá em 1904 à Leipzig, e novamente em 1910 (Berdoulay, 2017). Ao ingressar no *Collège de France* em 1912, o geógrafo ainda realizará duas viagens ao Canadá, durante as quais explorará as Montanhas Rochosas.

Indicando seu amadurecimento teórico, Brunhes passou a construir diálogos frutíferos com seus contemporâneos, resultando em uma sequência de obras compartilhadas com seus alunos e colegas. Escreveu o primeiro volume de *La Géographie humaine de la France* com Paul Girardin¹¹ - obra mais física, trazendo as bacias hidrográficas como unidade de análise ao invés das regiões naturais - além de análises sobre Élisée Reclus¹². O segundo volume da mesma obra escreverá com Pierre Deffontaines¹³, esta consistira-se em uma série de monografias de todas as formas de atividade humana de geógrafos diversos, ambos os volumes ricamente ilustrados alcançarão um sucesso considerável. Com Camille Vallaux escreveu *La géographie de l'histoire, géographie de la paix et de la*

¹¹ Brunhes, Jean [une note indique la collaboration de P. Girardin], *Géographie humaine de la France*, 1^ovol, Paris, 1920.

¹² Brunhes, Jean. Girardin, Paul. Élisée Reclus, Leben und Wirken (1830-1905). *Geograph. Zeitschrift*, XII, 1906. Brunhes, Jean. Girardin, Paul. Conceptions sociales et vues géographiques. La vie et l'oeuvre d'Élisée Reclus. *Revue de Fribourg*, avril et mai, 1905.

¹³ Brunhes, Jean. Deffontaines, Pierre. *Géographie humaine de la France*. 2^ovol: *Géographie politique et géographie du travail*, Paris, 1926.

*guerre sur terre et sur mer*¹⁴, motivados pela primeira grande guerra. Com paleontólogos e antropólogos escreveu *Les Races*¹⁵ uma coleção de tipos humanos primitivos, que contará com comentários de sua filha Mariel Dellamarre.

Contudo, foi com um trabalho individual que Jean Brunhes ganhou reconhecimento internacional, a partir da publicação de sua *Magnum opus Geografia Humana (La Géographie humaine: essai de classification positive)*. A obra publicada em Paris, em 1910, compreendia três volumes, com um quarto volume acrescentado em 1921 em colaboração com Camille Vallaux. A tradução da primeira edição para o inglês em 1920 obteve grande sucesso nos Estados Unidos. A obra foi reeditada em 1912, 1925 e 1934, demonstrando sua ampla aceitação. Após a quarta edição, Mariel Jean-Brunhes Delamarre e Pierre Deffontaines elaboraram uma edição resumida em um único volume, que foi traduzida para diversos idiomas e difundida globalmente (Ribeiro, 2011).

Em sua necrologia escrita por seu amigo De Martonne, publicada na revista *Annales de Géographie* em 1930, Brunhes foi reconhecido como o primeiro geógrafo francês a oferecer um ensaio de coordenação entre os fenômenos geográficos e as atividades humanas, e “ainda que pudesse ser criticado por especialistas” (p.551), sua obra foi uma sensação para o grande público e contribuiu para o nome da ciência francesa no exterior.

Geografia humana será a combinação de três de suas características, aponta De Martonne (1930): professor de geografia física, curioso dos fatos econômicos e observador de casos concretos. Para Brunhes, a geografia deveria ocupar-se das atividades humanas sobre a superfície terrestre ao invés do homem propriamente dito, explicando os fatos geográficos a partir da influência exercida pelo meio, e não através de uma explicação evolutiva do passado.

Seu método consistia na construção de amplos quadros interpretativos, baseados em sua experiência pessoal e nos estudos de seus alunos, com o objetivo de descrever e classificar os tipos de fenômenos geográficos. E sua exposição será marcada pela presença constante de ilustrações fotográficas, captadas pelo próprio autor, complementando sua análise e enriquecendo a descrição dos fenômenos identificados. Será um observador meticuloso o que levará a acumular coleções de imagens ao longo da vida, algumas delas organizadas por Albert Kahn em um projeto intitulado *Les Archives de la Planète*¹⁶ (De Martonne, 1930).

Para traçar a trajetória de Jean Brunhes em paralelo com sua experiência geográfica, propomos uma análise das áreas de interesse presentes em sua obra, a partir de uma geografia das citações. A obra "Geografia Humana", em sua edição estendida de 1925, se configura como um excelente ponto de partida para essa análise. A Figura 4 apresenta os resultados dessa investigação, revelando os territórios que mais influenciaram os estudos de Brunhes.

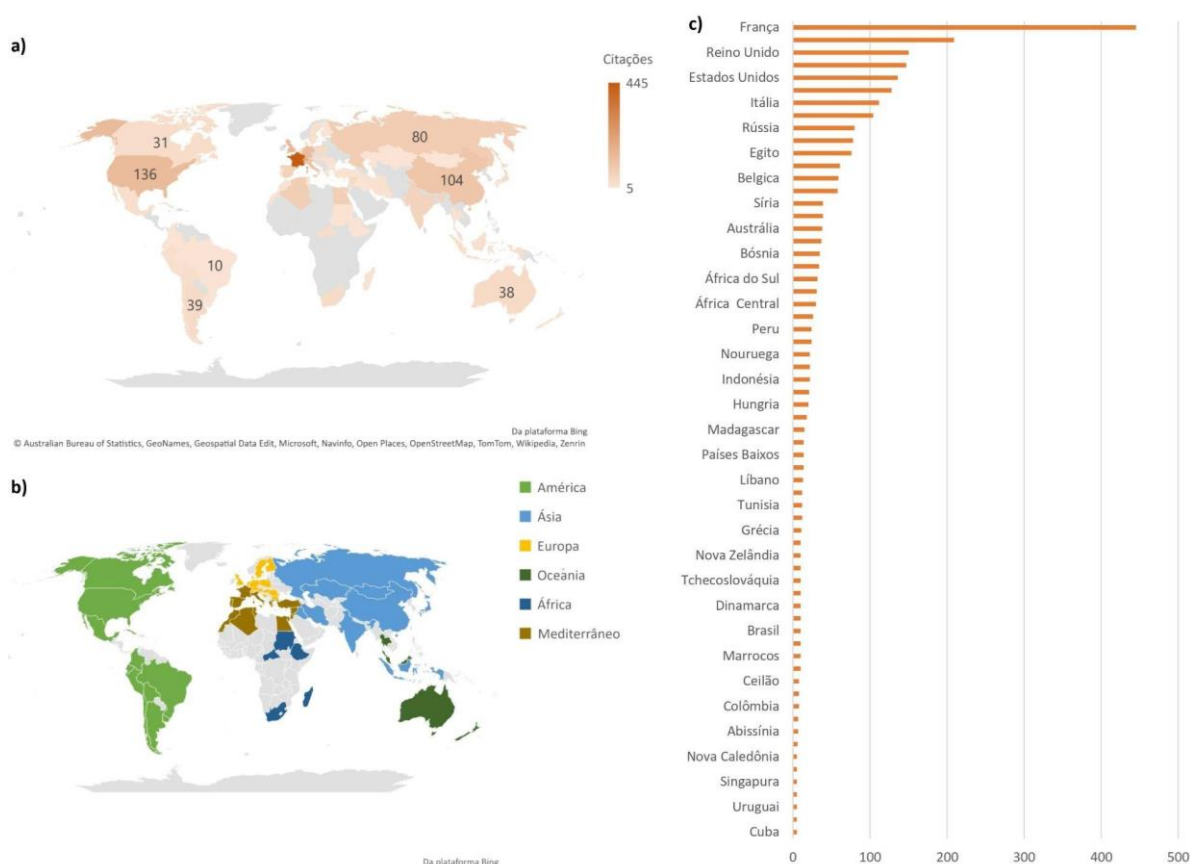
Nota-se que a França é o país mais citado na obra de Brunhes, com o dobro de menções em relação à Suíça. Essa constatação é compreensível se considerarmos que a redação de "Geografia Humana" se deu principalmente entre 1902, ano de sua tese, e 1910, ano da primeira publicação. Durante esse período, Brunhes já estava estabelecido na Universidade de Fribourg, concentrando suas pesquisas na França, seu país de origem, e na Suíça, onde trabalhava.

¹⁴ Brunhes, Jean. Vallaux, Camille. *La géographie de l'histoire, géographie de la paix et de la guerre sur terre et sur mer*. Paris: Alcan, 1921.

¹⁵ Brunhes, Jean. *Races: images du monde*. Paris: Firmin-didot, 1930.

¹⁶ Albert Kahn musée et jardins. Jean Brunhes: autour du monde: regards d'un géographe, regards de la géographie: [exposition, Boulogne, 1993-1994], 1993.

Figura 4 - Número de citações por território e região na obra *Geografia Humana* (1925)¹⁷



a) Distribuição espacial dos locais citados por Brunhes; b) Locais citados por Brunhes e sua distribuição por continente, destaque para o Mediterrâneo; c) Frequência absoluta de citações. Elaboração: os autores, 2023.

O terceiro local mais citado será o Reino Unido, justificado pelo fato de que a Inglaterra era a principal potência que rivalizava com a França à época, além disso, a expansão colonial britânica figurou como paradigma para o imperialismo francês (Claval, 1994) e também objeto de inúmeras preocupações para Brunhes, pela crescente influência britânica no Egito (Barreto, 2022). As colônias britânicas também terão o mesmo destaque, como a Índia, citada 58 vezes e a Austrália 38 vezes. A presença da Índia como um dos locais mais citados na obra de Brunhes, apesar dele nunca ter visitado o país, revela seu interesse no imperialismo britânico e em suas práticas coloniais. A Índia é frequentemente apresentada como um modelo de colônia bem-sucedida e um dos pilares da grandiosidade do império britânico, o que despertou a atenção do geógrafo francês.

E seguindo a toada colonial¹⁸, com quase o mesmo número de citações dos britânicos, aparece a Indochina, uma importante região colonial francesa, revelando seu crescente interesse por aquela região que seria por ele visitada posteriormente. Destacam-se também o elevado número de citações

¹⁷ Estas figuras foram construídas a partir da contagem, no índice onomástico, dos territórios citados por Jean Brunhes em sua obra *Geografia Humana*, em sua edição em francês de 1925. Para isto agrupamos as citações diretas ao país, mas também somamos as cidades, vilas, regiões, lagos, montanhas e rios que se encontravam exclusivamente neste país, excluindo aquelas referências a locais transnacionais, como continentes, mares, montanhas, desertos e rios.

¹⁸ A temática colonial, apesar de não aparecer explicitamente na obra-prima de Jean Brunhes, o acompanhará por toda sua carreira. No período em questão (1902-1923), tal tema aparece superficialmente com destaque para dois artigos principalmente: *L'irrigation en Egypte depuis l'achèvement du réservoir d'Assouan* (1905), publicada em *La Géographie*; e *La colonisation des pays neufs et a sauvegarde de la femme indigène* (1906) na *Revue d'économie politique*.

à Argélia e ao Egito, que figuram a frente até mesmo da Espanha, todas áreas estudadas em sua tese anos antes.

A obra *Geografia Humana* foi iniciada durante o período em que Brunhes atuava na Universidade de Fribourg, mas sua finalização ocorreu na Universidade de Lausanne, também na Suíça. Brunhes ocupou um cargo em Lausanne a partir de 1907, permanecendo por cinco anos até conseguir ingressar em uma instituição acadêmica francesa. Em 1912, o banqueiro Albert Kahn criou a disciplina de geografia humana no *Collège de France*, destinada especificamente a Jean Brunhes. Essa iniciativa inaugurou a presença da geografia na instituição, enfrentando resistências de alguns professores. Henri Bergson, filósofo e membro do *Collège de France*, defendeu a nomeação de Brunhes, contrariando a preferência de alguns colegas por Émile Gautier, geógrafo especializado em estudos coloniais (Berdoulay, 2017).

A partir de sua chegada no *Collège de France*, seu reconhecimento se consolida definitivamente, considerado um grande orador por De Martonne (1930), suas conferências seduziam os públicos da França e do estrangeiro. Seguindo as práticas da época, ministrava conferências no *Collège de France*, além dos cursos públicos tradicionais. Apesar disso, sua influência na geografia francesa, comparada à de seu mentor Vidal de la Blache, foi relativamente limitada. Ao retornar à França, Brunhes encontrou uma geografia já consolidada em outras universidades, com forte presença de discípulos de Vidal de la Blache.

TERCEIRO MOMENTO: A QUESTÃO COLONIAL E O EXTREMO-ORIENTE (1923-1930)

O último momento da carreira de Brunhes representa o retorno de sua atenção para questões além da Europa. Ainda professor do *Collège de France*, o geógrafo realizou viagens a países do extremo oriente asiático e do Mediterrâneo a partir de 1923. Na Ásia visitou a Indochina, o Japão e a Síria; e na Europa há registros de sua passagem pela Itália e pelos Balcãs. Suas publicações seguem o mesmo caminho, estudos serão publicados sobre o Japão (1923e,1923f); a China (1923c) e a Indochina (1923b,1923d,1924), contendo relatos e pesquisas resultado de suas viagens. Segundo De Martonne (1930), as viagens à Indochina e ao Japão foram as mais destacáveis, pois é de onde o geógrafo enviou “correspondências brilhantes”.

O principal trabalho de Brunhes sobre a Indochina, publicado em 1923 na revista *Annales de Géographie*, foi posteriormente incorporado como o nono capítulo da terceira e quarta edições de “Geografia Humana”. Na edição de 1925 (3ª) a Indochina é citada quase 150 vezes (Figura 4)¹⁹ sendo o quarto território mais citado, já o Rio Mékong, é citado 11 vezes, sendo um dos pontos naturais mais citados (Figura 3). A versão resumida de “Geografia Humana”, elaborada por Mariel Jean-Brunhes Delamarre e Pierre Deffontaines, optou por excluir o capítulo IX, dedicado às estradas abertas em 1923 do Aname ao Laos, uma decisão considerada lamentável pelos próprios organizadores. É essa versão resumida que foi traduzida para o português em 1962.

Neste texto, produzido após a expedição de Brunhes à Indochina, o autor relata os detalhes de sua trajetória do Aname ao Laos, realizada em 1923, através de uma análise geográfica, que não esconde as questões geopolíticas envolvidas. Brunhes a serviço do próprio estado francês demonstrou estar empolgado com os trabalhos franceses na construção de estradas neste território oriental, realizado pelo Departamento de Obras Públicas da França, ele elogia: “Belo e inteligente trabalho de penetração pacífica no Laos”. O grande objetivo destas obras era de interligar os diversos países da Indochina, e desbloquear definitivamente o Laos (Brunhes, 1923b, pág. 428).

O Laos localizava-se encravado no meio da península indochinesa, limitado a leste pela Cordilheira Anamita, fronteira com Tonkin e Aname (atual Vietnã), e a oeste pelo rio Mékong, divisa com o Sião (atual Tailândia). O Laos foi o último território da península a ser anexado pelos franceses, permanecendo isolado até 1893. O acesso ao Laos para os franceses era extremamente difícil, pois as montanhas anamitas bloqueavam seu acesso a partir de seus territórios do Annam, e do outro lado da margem do rio encontrava-se o Sião sob tutela britânica, a forma mais fácil de realizá-lo era através do rio Mékong. As novas estradas, portanto, seriam fundamentais para interligar o Laos ao antigo protetorado francês na região, o Aname. Banhado pelo Mar da China Meridional, sua capital Hué, era

¹⁹ Este valor é uma soma de todos os lugares da Indochina citados por Brunhes ao longo de sua obra, a palavra Indochina em si aparece 38 vezes, Tonkin 27, Annam 16, Annamites 16, Saigon 10, Cochinchina 9, Laotiens 9, Cambodge 8, Hanoi 7, Thakhek 6 e Dong-Há 5.

uma importante saída para o Oriente. Ao contrário daqueles que diziam que o Laos era inexplorável, Brunhes via o território do Laos com enorme potencial, e para isso atribuía uma importância enorme à abertura das novas estradas.

O Laos, segundo Brunhes, era rico em minerais, como o ouro e o estanho e a *Société d'études et d'exploitation de l'Indochine* tinha sido formada recentemente, assim “não só os trabalhos de prospecção estavam em andamento, mas também os de tratamento de minério, já haviam começado” (Brunhes, 1923b, pág. 446)²⁰. Tais produtos minerais, contudo, exigiam novos meios de transporte “as estradas presentes são uma ‘introdução’: o Laos não será libertado para o oriente” sem uma via férrea, defendia o autor (Brunhes, 1923b, pág. 446)²¹.

Os franceses, segundo o geógrafo, deveriam “encorajar o Laos e fornecer todos os meios para fazer valer os recursos deste país” (Brunhes, 1923b, pág. 447)²², este “nosso domínio da Indochina” deveria ser aproveitado pelo estado francês, e Brunhes debate os caminhos para isso. Ele defende com segurança que o melhor caminho era incentivar a migração anamita para o Laos, uma vez que o Aname era muito mais populoso que o Laos. Tal movimento seria possibilitado pela construção de estradas e ferrovias interligando as duas regiões, além de permitir a expansão de cultivos ao longo das vias. Vidal de la Blache (2019[1897], pág. 14) também destacava a capacidade comercial dos anamitas e a necessidade de os franceses explorarem tal característica em favor de seus interesses econômicos. Contudo, o povo anamita era conhecido por reduzir a população primitiva de outros povos, como fizeram com os Muong, e isto preocupava Jean Brunhes. Para ele a “França deve defender os grupos mais fracos e não permitir que sejam absorvidos ou eliminados pelos anamitas” (Brunhes, 1923b, pág. 450)²³, defendendo a abertura do Laos para os anamitas, mas que isto deveria ser monitorado e medido. A construção de novas estradas entre Aname e Laos transcende assim, as consequências econômicas transformando-se em um fator político importante.

A obra de Brunhes sobre a Indochina demonstra um engajamento direto com a colonização francesa no território, abordando as questões políticas e econômicas relacionadas. O autor expressa entusiasmo com as perspectivas futuras da ação francesa na região, considerando os interesses franceses e, ao mesmo tempo, reconhecendo o papel e os “benefícios” para as populações locais, de acordo com sua visão. Além disso, Brunhes propõe alternativas para a política colonial francesa, demonstrando preocupação com os impactos sobre as populações autóctones, característica marcante de seu pensamento.

Esta última fase marca, portanto um retorno à temática colonial, com foco particular nas questões relacionadas à França. Se no início do século Brunhes demonstrava interesse pelos interesses franceses no Egito, nesse período, sua atenção se volta para a Indochina, especificamente para o desenvolvimento e consolidação da colônia já estabelecida. Além de *Les routes nouvelles de l'Annam au Laos*, Brunhes publicou outros trabalhos relacionados à Indochina, como *Les ports de L'Annam: Touraine, Qui-Nhon, Benthuy* (1923d), publicado no *Journal de la Marine Marchande*, e *Le riz en Indochine* (1924), publicado em *L'Océanie Française*. Em 1930, no ano de sua morte, Brunhes apresentou um trabalho sobre a Argélia, intitulado *Le problème technique et économique des grands barrages-réservoirs en Algérie* no *Congrès de la colonisation*, marcando um retorno às temáticas e aos locais que marcaram o início de sua carreira.

A temática colonial permeia a obra de Jean Brunhes, levando Florence Deprest (2017) a classificá-lo, em certa medida, como um geógrafo colonial, embora sua abordagem se caracterize pelo uso de métodos e perspectivas da geografia humana. Apesar de seus inúmeros trabalhos dedicados a questões teóricas, a temática colonial marca, principalmente, o início da carreira de Brunhes, com destaque para a elaboração de sua tese, e retorna com força na fase final de sua produção, com foco no Extremo Oriente asiático.

²⁰ “(...) non seulement le travail de prospection est en bonne voie, mais le travail d'extraction et le traitement du minerai sur place ont commencé et donnent des résultats tout à fait satisfaisants”.

²¹ “Les routes présents sont une « introduction »: le Laos ne sera en vérité débloqué vers l'Est que le jour où il sera desservi par une voie ferrée”.

²² “(...) nous devons être d'autant plus énergiquement incités à fournir au Laos et aux Laotiens tous les moyens de faire valoir les ressources de leur pays en utilisant les voies, les terres et les habitants de notre domaine indochinois”.

²³ “(...) la France se doit à elle-même et doit à ses administrés de, défendre les groupes plus faibles et de ne point les laisser absorber ou éliminer par le Annamites”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta, ao longo deste trabalho, foi realizar paralelos entre a geografia de Brunhes e suas viagens e publicações, partindo do princípio que a ciência está consideravelmente enraizada no espaço à qual é produzida. Tratando-se de sua obra, nossa tentativa foi de revelar uma geografia produzida a partir de um ponto de vista metropolitano, sobre outros territórios do globo.

Brunhes produziu uma geografia humana original, diferenciando-se sobremaneira de seus contemporâneos, também alunos de Vidal, levando-o a ser categorizado como “heterodoxo” por alguns historiadores da geografia como Berdoulay (2017). As vinculações institucionais de Brunhes, conforme apontado por Berdoulay, dificultaram a formação de uma rede sólida de discípulos. Sua primeira atuação profissional se deu na *Université de Fribourg*, uma instituição de pequeno porte localizada na Suíça. Somente após sua chegada ao *Collège de France*, em 1912, a cadeira de geografia foi criada, em um momento posterior à consolidação da disciplina em outras universidades francesas. Além disso, Brunhes mantinha fortes relações com pensadores de outras áreas, como Maurice Blondel, Henri Bergson e Marcelin Boule, afastando-o de geógrafos como Albert Demangeon, que viria a dominar o cenário geográfico francês após a morte de Vidal de la Blache.

A obra de Jean Brunhes demonstra uma forte ligação com os contextos geográficos de sua produção e de suas pesquisas de campo. Seus trabalhos se baseiam em observações empíricas e na coleta de dados, evidenciando a importância da pesquisa de campo para a construção de sua perspectiva geográfica. A temática colonial, presente em diferentes momentos de sua trajetória, se destaca na elaboração de sua tese e na fase final de sua carreira, mas também se manifesta na obra *Geografia Humana*, onde estudos realizados em diferentes regiões do mundo contribuem para a sistematização e classificação dos “fatos geográficos”.

A análise da obra de Jean Brunhes revela um interesse em áreas geográficas específicas, identificadas tanto pela frequência de suas pesquisas quanto pelo número de citações em seus trabalhos. Embora fortemente ligado a estudos regionais na Suíça e na França, Brunhes demonstra ambição de construir uma geografia que transcende o regional para alcançar uma perspectiva global. Seu campo de pesquisa, contudo, está intrinsecamente ligado aos interesses coloniais da França, como evidenciado em seus estudos sobre os problemas hídricos do norte da África, no início de sua carreira, e sobre o transporte na Indochina, em sua fase final. Paralelamente, Brunhes pretendia construir uma proposta de geografia geral, capaz de analisar de forma sistemática os diversos territórios do mundo, como demonstram seus trabalhos teóricos.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado que viabilizou a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARRETO, V. J. G. Irrigar para colonizar: a rivalidade anglo-francesa no Egito segundo Jean Brunhes. **Confins** [En ligne], n. 56, 2022. <https://doi.org/10.4000/confins.47499>

BERDOULAY, V. **A escola francesa de geografia: uma abordagem contextual**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

BRUNHES, J. Les irrigations dans la “Region aride” des Etats-Unis. **Annales de Géographie**, v. 4, p. 12-29, 1894a. <https://doi.org/10.3406/geo.1894.7745>

BRUNHES, J. Le nouvel aspect des questions tunisiennes. **Revue générale des sciences pures et appliquées**. v.50, p.848-856, 1894b.

BRUNHES, J. Les irrigations em Égypte. **Annales de Géographie**, t.6, n. 30, 1897. <https://doi.org/10.3406/geo.1897.6993>

BRUNHES, J. Les grands travaux em cours d'execution dans la vallée du Nil. **Annales de géographie**, t.8, n. 39, 1899. <https://doi.org/10.3406/geo.1899.6090>

BRUNHES, J. La seconde édition de l'Egyptian irrigation. **Annales de Géographie**, t.9, n. 45, 1900a. <https://doi.org/10.3406/geo.1900.6248>

BRUNHES, J. La série de phénomènes éruptifs de la Russie méridionale, Crimée et Caucase. **Revue générale des Sciences**, v. 11, p. 640-648, 1900b.

BRUNHES, J. De quelques formes spéciales de la pénétration anglaise en Égypte. **Questions diplomatiques et coloniales**: revue de politique extérieure, v. 11, n. 100, p.451-470, 1901.

BRUNHES, J. Les Oasis du Souf et du Mzab comme types d'établissements humains. **La Géographie**: bulletin de la Société de géographie, t. 5, p.175-195, 1902a.

BRUNHES, J. L'irrigation, ses conditions géographiques, ses modes et son organisation dans la Péninsule Ibérique et dans l'Afrique du Nord: étude de la géographie humaine. **Thèse** présentée à la Faculté des lettres de l'Université de Paris. 1902b.

BRUNHES, J. La forêt comme alliée de l'eau dans les grandes entreprises d'irrigation du Far-West américain. **Compte Rendu du Second Congrès du Sud-ouest Navigable**, Toulouse, p. 479-490, 1904a.

BRUNHES, J. La question des voies d'accès au tunnel du Simplon. **Rev. Economique Internat**, p. 15-20, 1904b.

BRUNHES, J. L'irrigation en Egypte depuis l'achèvement du réservoir d'Assouan. **La Géographie**: bulletin de la Société de géographie, v. 11, n. 3, p. 161-184, 1905.

BRUNHES, J. Les relations actuelles de la France et de la Suisse et la question des voies d'accès au Simplon. **Rev. Economique Internat**. p. 15-20, 1906.

BRUNHES, J. Les Différents Systèmes d'Irrigation, tomo III: Espagne. Sens et valeur sociale de quelques règlements d'irrigation dans la Péninsule ibérique. **Bibliothèque Coloniale Internationale**, Bruxelles, 1907.

BRUNHES, J. Introduction: sens et valeur sociale de quelques règlements d'irrigation dans la Péninsule ibérique, In: BRUNHES, J. **Les Différents Systèmes d'irrigation**. Espagne, Brussels: Institut colonial international, coll. Bibliothèque coloniale internationale, t. III, 7^o série, p. 11-36, 1908.

BRUNHES, J. Gothard et Simplon: A propos des deux conférences internationales de 1909. **Revue des deux mondes**, v. 54, n.2, p. 373-395, 1909.

BRUNHES, J. A Majorque et à Minorque. Esquisse de Géographie humaine, **Revue des deux mondes**, v.6, n. 1, p. 175-196, 1911.

BRUNHES, J. **Les problèmes économiques et sociaux de l'Alsace-Lorraine**. Paris: Conférence au Musée Social, p 81-82, 1918.

BRUNHES, J. **L'Agriculture canadienne, Culture, élevage, irrigation**. Capítulo VIII, p. 105-119, do volume Au Canada, Paris, Alcan, 1922.

BRUNHES, J. Sobre a estrada de ferro que sobe o Jibuti até Adis-Abeb. **Journal de la Marine Marchande**, p. 169, 1923a.

BRUNHES, J. Les routes nouvelles de l'Annam au Laos. **Annales de Géographie**, t.32, n. 179, 1923b. <https://doi.org/10.3406/geo.1923.9798>

BRUNHES, J. La puissance, les déficiences et les nécessaires améliorations du port de Shang-hai. **Journal de la Marine Marchande**, 1923c.

BRUNHES, J. Le ports de L'Annam: Tourane, Qui-Nhon, Benthuy. **Journal de la Marine Marchande**, p. 545-547, 1923d.

BRUNHES, J. Double duo et duel des ports japonais: Yokohama-Tókyo et Kobe-Osaka. **Journal de la Marine Marchande**, [s.v., s.n.], 1923e.

BRUNHES, J. Tableau résumé et la vie économique du Japon. **Journal de la Marine Marchande**, p., 1923f.

BRUNHES, J. Le riz en Indochine, **Conférence publiée dans L'Océanie Française**, p. 82-86, 1924.

- BRUNHES, J. **La Géographie humaine**. T. I. Les Faits essentiels groupés et classés. Principes et Exemples. T. 2 Monographies. Prix. Halphen, Académie française. 3 édition., 1925.
- BRUNHES, J. Le problème technique et économique des grands barrages-réservoirs em Algérie, Cent. De L'Alg., **Congr. De la Colon.**, Argel, 1930.
- BRUNHES, J. **A Geografia Humana**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.
- BUTTNER, A, MARTÍNEZ, P. **Sociedad y medio en la tradición geográfica francesa**. Barcelona: Oikos-Tau, 1980.
- CLAVAL, P. Playing with Mirrors: The British Empire According to Albert Demangeon. In: GODLEWSKA, A; SMITH, N (orgs.), **Geography and Empire**, Oxford: Blackwell, 1994.
- CLAVAL, P. **Histoire de la géographie française de 1870 à nos jours**. Paris: Éditions Nathan, 1998.
- DE MARTONNE, E. Jean Brunhes. **Annales de Géographie**, t. 39, n. 221, p. 549-553, 1930. <https://doi.org/10.3406/geo.1930.10266>
- DEPREST, F. What is a colonial geographer? Jean Brunhes, Irrigation and Human Geography (1894-1911). **L'Espace Géographique**, v. 46, n.3, p. 264-284, 2017. <https://doi.org/10.3917/eg.463.0264>
- HOBBSAWM, E. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** por uma epistemologia crítica. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- NORINDR, P. **Phantasmatic Indochina: French Colonial Ideology in Architecture, Film, and Literature**. Duke University Press. 1996. <https://doi.org/10.1215/9780822379799>
- PEREIRA, S. N. Estados, nações e colonialismo: traços da geografia política vidaliana. In: HAESBAERT, R.; PEREIRA, S.; RIBEIRO, G. (Orgs.). Vidal, Vidas: textos de geografia humana, regional e política. Prefácio Paul Claval. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. <https://doi.org/10.4000/cybergeo.25658>
- REPARAZ, G. Jean Brunhes, hispanisant. **Bulletin Hispanique**, t. 33, n. 1, 1931.
- RIBEIRO, G. Mito e ciência nas interpretações sobre Paul Vidal de la Blache. **Mercator (UFC)**, v. 13, n. 2, p. 7-21, 2014. <https://doi.org/10.4215/RM2014.1302.0001>.
- RIBEIRO, G. Vidal de la Blache, Ciência e Política: notas a partir do caso africano. **Confins**, n. 12, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7167>. Acesso em: 22 set. 2023. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.7167>.
- ROBIC, M. C. Les petits mondes de l'eau: le fluide et le fixe dans la méthode de Jean Brunhes. **Espace géographique**. Tome 17, n. 1, 1988. <https://doi.org/10.3406/spgeo.1988.2723>
- SAID, E. **Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- VIDAL DE LA BLACHE, P. L'irrigation, d'après Mr Jean Brunhes: Étude de géographie humaine, L'irrigation, ses conditions géographiques, ses modes et son organisation dans la Péninsule Ibérique et dans l'Afrique du nord. **Annales de Géographie**, t. 11, n. 60, 1902. <https://doi.org/10.3406/geo.1902.18145>
- VIDAL DE LA BLACHE, P. [1897] A educação dos nativos. Tradução de Guilherme Ribeiro. In: **Terra Brasilis**. [Online], 11, 2019. <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.4248>

Recebido em: 19/10/2023

Aceito para publicação em: 24/06/2024